

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 3

Tomo I



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Faculdade de Letras
P-3000-447 Coimbra Codex
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida
Rua Tenente Valadim, 231/325
P-4100-479 Porto
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



ÍNDICE

Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português.....	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i>	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias</i> <i>Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i>	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e indus- trialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande</i> <i>sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem.....	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna.....	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta	265
ANA SOFIA GANHO – Luíza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto	277
CLÁUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i>	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos.....	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem	341

Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio.....	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo.....	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÉAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi.....	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática.....	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão.....	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa.	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

APRESENTAÇÃO

O número da revista *Veredas* que agora se publica contempla, nos seus dois tomos, algumas das mais significativas participações no VI Congresso Internacional de Lusitanistas.

Culminando uma dinâmica de crescimento que importa registar, o VI Congresso foi um momento privilegiado de encontro dos lusitanistas de todo o mundo. No Brasil, grande país onde a Língua Portuguesa constantemente se renova e afirma como fecundo e singular idioma de cultura, em Agosto de 1999, o VI Congresso permitiu evidenciar o potencial agregador da Associação Internacional de Lusitanistas, graças também ao culto de uma diversidade – de disciplinas, de temas e de orientações metodológicas – que constitui, só por si, um importante capital de investimento científico e cultural. Professores, investigadores e escritores de diferentes nacionalidades, gerações e formações, fizeram do VI Congresso um momento de reflexão conjunta, plural e aberta, como devem ser os congressos científicos; a congregar todas as participações, a consciência comum de que a Língua Portuguesa é, ao mesmo tempo, veículo de estudo e tema de indagação, nos diferentes países e universidades em que as culturas e as literaturas de expressão portuguesa são pólo de agregação de estudiosos e de unidades de investigação e de docência.

Os dois tomos do número 3 de *Veredas* traduzem muito do que acima fica dito. E o que neles se encontra – a par do que será ainda publicado, em edição electrónica – ficou a dever-se à capacidade motivadora e organizativa da equipa que deu corpo ao VI Congresso, sob a liderança de Cleonice Berardinelli, a quem, com justiça e propriedade, alguém chamou um dia “aula magna da literatura portuguesa”.

Publicar os textos que se seguem, nestes dois tomos, é também uma forma de homenagear a comissão organizadora do VI Congresso.

Este é o primeiro número de *Veredas* da responsabilidade da direcção eleita no congresso do Rio de Janeiro. E neste número, o que com *Veredas* se pretende é justamente dar a continuidade merecida ao trabalho dos anteriores corpos directivos, na certeza de que assim se consolida a Associação Internacional de Lusitanistas e se reforça a razão de ser da sua existência.

Tal como aconteceu com os dois números anteriores, também este é publicado graças à generosidade da Fundação Eng. António de Almeida. Por isso mesmo, deve aqui ser prestada, na pessoa do Doutor Fernando Aguiar-Branco, a justa homenagem de gratidão que as circunstâncias justificam.

CARLOS REIS

Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa

FRANCISCO FERREIRA DE LIMA

Brasil, Universidade Estadual de Feira de Santana

O *Tratado descritivo do Brasil em 1587*¹ é desses livros muito comentados e pouco lidos. Ninguém nega sua importância na formação do imaginário brasileiro, para o qual contribuiu com algumas matrizes fundamentais, sobretudo aquelas que se enfeixam sob a designação de «visão do paraíso», tão bem escolhida por Sérgio Buarque de Hollanda e tão firmemente arraigada no modo brasileiro de ver o Brasil.

O reconhecimento da importância da obra de Soares de Sousa para a cultura luso-brasileira, contudo, não resultou em estudos a ela dedicados na medida de seu merecimento. Sua fortuna crítica, pode-se dizer, é mínima, não passando, no geral, de notas de admiração nos manuais de História da Literatura, nas quais o *Tratado* recebe muitos elogios e pouca atenção.

O texto que se vai ler a seguir, portanto, deve ser entendido como um modesto contributo para a modificação desse quadro, que se espera seja logo alterado.

¹ O título *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* foi dado ao texto de Soares de Sousa por Francisco Adolfo de Varnhagen, em meados do século XIX, após minuciosa pesquisa, com a qual dirimiu em caráter definitivo o problema de sua autoria. Sua edição é ainda hoje a mais importante de quantas já se fizeram.

A primeira observação de monta a fazer-se quanto ao *Tratado...* é de caráter estrutural. Trata-se de sua divisão em duas partes distintas, visivelmente descompassadas entre si. Das poucas mais de 300 páginas do texto de Soares de Sousa, apenas 80 delas contemplam o *Roteiro geral da costa brasileira*, ficando todo o restante para o *Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem*. O descompasso é explicado por ele próprio:

Atrás fica dito, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não sofria naquele lugar tratar-se das grandezas dela, pois não cabiam ali, o que se faria ao diante mui largamente, logo depois que se acabasse de correr a costa, com que temos já concluído. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se dela não sabe para que venham à notícia de todos os ocultos desta ilustre terra ².

E com as palavras de Soares Sousa fica-se logo sabendo a razão de a obra vir em duas partes dividida. É que a Bahia **não cabe** na estrutura do *Roteiro*. O método de dividir o manuscrito em duas partes resulta, pois, do que se poderia chamar de um excesso de real, que só pode ser tratado em si mesmo, caso contrário o conjunto estará comprometido. Não é que sejam dois livros acoplados um ao outro, como à primeira vista poderia parecer. O *Roteiro* de um lado e, de outro, o *Memorial*. Não. É um livro só tratando de uma única coisa, a descrição do Brasil. Com uma especificidade, porém: um dos elementos do conjunto a ser descrito, requer tratamento à parte por não – repita-se – **caber** no conjunto.

E não cabe porque se no relativo à outra parte do Brasil buscou-se o visível – daí o *correr* a costa, em que o verbo escolhido aponta, de uma lado, para a brevidade e, de outro, para a superficialidade na realização da tarefa –, aqui, pelo contrário, trata-se de desvelar o *oculto*, trabalho que requer postura especial, pois pode-se vislumbrar na palavra escolhida, entre outras coisas, algo de tom demiúrgico.

Como uma espécie de mágico, ou algo parecido, o autor vai trazer à luz um mundo encoberto, de maneira que seu tesouro de maravilhas escondido possa vir a ser desfrutado pelo homem. Não por todo

² Soares de Sousa, 1987, p. 127.

e qualquer homem, bem entendido, mas apenas os escolhidos, que, apesar dessa condição, não zelam por esse tesouro como deviam, pondo-o em risco de cair em mãos alheias. Risco que o autor buscará superar com sua escritura.

Soares de Sousa vai, assim, mostrar ao leitor um mundo cuja feição confina com uma «visão do paraíso», como se antecipa com seu elenco de maravilhas: «a fertilidade da terra, bons ares, maravilhosas águas e da bondade dos mantimentos dela», quase sempre sem conseguir evitar que o encantamento deslize para o espanto em estado bruto:

Das árvores a principal é a parreira, a qual se dá de maneira nesta terra, que nunca lhe cai a folha, se não quando a podam que lha lançam fora; e quantas vezes a podem, tantas dá fruto; e porque duram poucos anos com a fertilidade, se as podam muitas vezes no ano; é a poda ordinária duas vezes para darem duas novidades, o que se faz em qualquer tempo do ano conforme ao tempo em que cada um quer as uvas, porque em todo o ano madurecem e são muito doces e saborosas, e não amadurecem todas juntas; e há curiosos que têm nos seus jardins pé de parreira que tem uns braços com uvas maduras, outros com agraços, outros com frutos em flor e outros podados de novo; e assim em todo ano têm uvas maduras numa só parreira³.

Dos *topoi* oriundos da Antiguidade clássica mais arraigados no imaginário europeu estava o de uma terra, cuja boa temperança do clima, isento de grandes frios e de grandes calores, mantinha tudo permanentemente verde. Tal lugar, onde tudo é sempre verde, acreditou a Idade Média e boa parte do Renascimento, só é possível no paraíso terreal – concreta realidade, aliás, para aqueles tempos, mas, infelizmente, inacessível aos homens dado o deslize de seus primeiros pais, expulsos daquele jardim de delícias.

É, antes de tudo, na relação com esse *topos* que se pode entender o espanto de Soares de Sousa ante a fertilidade milagrosa da Bahia – sem que sejam necessárias ilações acerca da árvore escolhida, a parreira, de tão ampla significação na tradição judaico-cristã. Ao invés da morte anunciada, produzida pela chegada do inverno que obriga a natureza como que a hibernar à espera do sol, tempo então em que o espaço branco com suas árvores desnudas desenha, de modo

³ Soares de Sousa, 1987, p. 166.

angustiante, o cenário da desolação, tem-se, ao contrário, uma natureza *a do paraíso terreal*, onde o homem reina soberano sobre as condições do tempo, fazendo-o dobrar-se à sua vontade. Ter-se-á uva quando se quiser.

Dobrado o tempo, a vida inscreve-se num contínuo marcado pela permanência da verdura, que garante a presença da folhagem, a qual, por sua vez, assegura a vitória sobre a angústia da morte cíclica, anunciada a cada outono, inaugurando-se assim outra dimensão temporal. Nesta, eliminada a brancura da morte, a natureza plena de vitalidade pode finalmente substituir a lógica do sucessivo, caracterizada por ordem sequencial de temporalidades, pela do simultâneo, quando então faz-se possível ter tudo ao mesmo tempo e de uma só vez.

Como no paraíso, a fusão das diversas descontinuidades temporais articula um contínuo sem começo nem fim, libertando a vida de todas as formas de ameaça, dentre as quais a da escassez e a pior de todas elas, a da morte. Nessa nova temporalidade, tudo é verdura; tudo é fartura.

Livre desses perigos, e desacostumados a tantos matizes em simultâneo, os olhos podem voltar-se para a festa da natureza, que vive em permanente estado de celebração, manifestado numa feição caleidoscópica arrebatadora, que não respeita tempo ruim: «em todo o tempo do ano, quando chove, fazem os céus da Bahia as mais formosas mostras de nuvens de mil cores e grande resplendor, que se nunca viram noutra parte, o que causa grande admiração»⁴.

No tempo chuvoso, que corresponde ao inverno, era de esperar que as trevas – e todo o simbolismo nelas implicado, posto que a descrição de Soares de Sousa opera com a polaridade luz X sombra – fizessem sua aparição, ainda que timidamente, nesse cenário de irradiação, para marcar a presença do mal. O que se tem, pelo contrário, é um redobrar de vitalidade da natureza, que, como para se precaver da ameaça, faz a luz atravessar a sombra da nuvem, que se oferece então como deslumbrante espetáculo de cores.

Espectáculo único – adverte o autor –, sua fruição, infelizmente, não pode ser partilhada à distância e à *posteriori*, resultado de sua

⁴ Soares de Sousa, 1987, p. 133.

transcrição pelas palavras. O impacto de tal intensidade luminosa como que desarruma os instrumentos mentais de apreensão do real, uma vez que seu efeito é o de agir sobre o olhar, agora prisioneiro de uma incandescência, resultado de sua exposição ao «resplendor». Assim se justifica o laconismo do autor quanto ao resultado dessa exposição à luz. Nenhum esforço para tentar explicar o que pretende com «grande admiração». Seria desnecessário. Dada a intensidade dessa luz, não é possível interpretar; só admirar, isto é, entregar-se à prazerosa festa dos sentidos. Por isso é preciso ver. E, para tanto, é preciso vir, porque, afinal, compreender, quem há-de?

E há-se de notar que nesta comarca da Bahia, em rompendo a luz da manhã, nasce com ela juntamente o sol, assim no inverno como no verão. E em se recolhendo o sol à tarde, escurece juntamente o dia e cerra-se a noite; a que matemáticos dêem razões suficientes que satisfaçam a quem quiser este segredo, porque mareantes e filósofos que a esta terra foram, nem outros homens de bom juízo não tem atinado até agora com a causa porque isso seja ⁵.

Portanto, essa nova temporalidade, além de fundir descontinuidades sazonais e reatualizar o simbolismo vitalista da chuva, conjura para todo o sempre o perigo de as trevas virem a instalar-se nesse mundo de luz. Assim afirma a misteriosa (mas deslumbrante) presença diuturna do sol, independente de qual seja a estação, que o tempo é todo um.

Tal mistério, aliás, de o sol sempre dizer presente, pede ciência nova para sua decifração, posto que os discursos tradicionais, sejam os da ordem da especulação, sejam os da técnica, sejam, enfim, os da vida prática, não são capazes de fazê-lo, dada a impossibilidade operacional de alcançá-lo – é segredo proveniente de outras esferas! Mas aquele «a quem quiser» embutido no texto de Soares de Sousa parece apontar, não sem uma pequena pitada de ironia, para o fato de ele estar menos interessado na resposta do que no deslumbramento da pergunta, o que o situaria entre os descrentes na capacidade da ciência renascentista de operar uma completa, diga-se assim, dessimbolição do mundo.

⁵ Soares de Sousa, 1987, p. 133.

Terra iluminada, pois, a Bahia de Soares de Sousa venceu as formas mesquinhas da escassez. Mas, mesmo tanto tempo depois de sabê-lo na prática, através de tantas evidências, não se pode evitar o espanto ante o oposto, isto é, ante sua capacidade de produzir incessantemente, como se sua inerência fosse, não o esgotamento, como era de esperar, mas a inesgotabilidade, geradora de inacreditável capacidade de renovar-se: «(...) além da qual está outra ilha, que chamam da Ostra; de onde se tem tirado tanta quantidade que se fizeram de ostras mais de dez mil moios⁶ de cal e vai-se cada dia tirando tanta que faz espanto, sem se acabar»⁷.

E se é assim com as coisas do mar, do mesmo modo sucede com as coisas da terra, sempre disponível a dar o melhor de si, numa entrega total:

As laranjeiras se plantam de pevide, e faz-lhes a terra tal companhia que em três anos se fazem árvores mais altas que um homem, e neste terceiro ano dão fruto, o qual é o mais formoso e grande que há no mundo; e as laranjas doces têm suave sabor e é o seu doce mui doce, e a camisa branca com que se vestem os gomos é também muito doce. As laranjeiras se fazem muito grandes e formosas, e tomam muita flor de que se faz água muito fina e de mais suave cheiro que a de Portugal; e como as laranjeiras doces são velhas, dão as laranjas com uma ponta de azedo muito galante⁸.

De modo oposto à generosidade da terra, que superpõe maravilha a maravilha, num processo infinito, a linguagem parece esgotar suas possibilidades de acompanhar a velocidade com que o real desdobra e expõe suas camadas. Daí o recorrer-se à hipérbole, maneira um tanto desesperada de se pôr à frente desse incontido processo de desdobramento; ou então obrigar a linguagem a dar volta em torno de si mesma, definindo a coisa com a própria coisa, como se linguagem e coisa se tivessem fundido numa unidade inseparável.

Não é de espantar que tal bloqueio ocorra. Ao contrário, ele é o efeito imediato de todo processo de deslumbramento, como ensina Affergan⁹. E como não perder a referencialidade ante essa natureza

⁶ O *moio* era uma medida que equivalia a 60 alqueires; 01 alqueire equivalia a cerca de 14 litros.

⁷ Soares de Sousa, 1987, p. 154.

⁸ Soares de Sousa, 1987, p. 167.

⁹ Affergan, 1987.

que, além de tornar tudo docemente aproveitável, faz o azedo assumir caráter de galantaria, numa verdadeira inversão da ordem das coisas?

Bem verdade é que, livre de grandes ameaças, a Bahia de Gabriel Soares de Sousa é marcada por algumas outras pequenas. Afinal, embora o encantamento faça parecer tratar-se do paraíso, já vão longe os tempos em que tal aparência se confundia com a realidade. É de um mundo real que se trata, coisa de que Soares de Sousa nunca se esquece. E, como tal, ali não podem deixar de se fazer presentes as forças do mal, eternamente em busca de desestabilizar a perfeição e harmonia do mundo da luz. Sua mais perfeita encarnação são as formigas, pois, é como ele as apresenta, «se elas não foram, a Bahia se poderá chamar outra terra da promessa»¹⁰:

Muito havia que dizer das formigas do Brasil, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se poderá fazer, por se escusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais danos fazem na terra, a que o gentio chama ussaúba, que é a praga do Brasil, as quais são como as grandes de Portugal, mas mordem muito e onde chegam destroem as roças de mandioca, as hortas de árvores da Espanha, as laranjeiras, romeiras e parreiras. Se estas formigas não foram, houvera na Bahia muitas vinhas e uvas de Portugal; as quais formigas vêm de muito longe de noite buscar uma roça de mandioca, e trilham o caminho por onde passam, como se fosse gente por ele muitos dias, e não salteiam senão de noite; e por atalharem a não comerem as árvores a que fazem nojo, põem-lhe um cesto de barro ao redor do pé, cheio de água, e se de dia lhe secou a água, ou lhe caiu uma palha de noite que a atravesse, trazem tais espias que são logo disso avisadas; e passa logo por aquela palha tamanha multidão delas que antes que seja manhã, lhe dão com toda a folha no chão; e se as roças e árvores estão cheias de mato de redor, não lhes fazem mal, mas tanto que as vêem limpas, como que entende que tem gosto a gente disto, saltam nelas de noite, e dão-lhe com a folha no chão, para a levarem para os formigueiros, e não há dúvida senão que trazem espias pelo campo, que levam aviso aos formigueiros, porque se viu muitas vezes irem três ou quatro formigas para os formigueiros, e encontrarem outras no caminho e virarem com elas, e tornarem todas carregadas, e entrarem assim no formigueiro, e saírem-se logo dele infinidade delas a buscarem de comer à roça, onde foram às primeiras; e têm tantos ardis que fazem espanto. E como se destas formigas não diz o muito que

¹⁰ Soares de Sousa, 1987, p. 268.

delas há que dizer, é melhor não dizer mais senão que se elas não foram que o despovoará muita parte da Espanha para irem povoar o Brasil; pois se dá nele tudo o que se pode desejar, o que esta maldição impede, de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquilo sem o que não podem viver na terra.¹¹

Embora longa, a citação é necessária por vários motivos. Inicialmente, ela é importante para que se possa observar de modo mais detido a escritura de Soares de Sousa. Chamou-se há pouco atenção para o efeito provocado pelo deslumbramento ante o encanto de maravilhas, que parece levar a um embotamento da linguagem, quando se passa a dizer o mesmo com o mesmo. Agora tem-se exatamente o oposto. A descrição é tão minuciosa que faz o leitor confundir-se, duvidando se está ante um livro ou uma tela, posto que, ao invés de palavras, semelha ter em sua frente uma elaborada sucessão de imagens, tal é a dimensão de visualidade imprimida ao texto, circunscrito – é bom ressaltar – ao essencial, como se diz tanto na sua abertura como no fechamento¹².

Mais não fosse para associar a formiga de Soares de Sousa à presença do mal, bastava o fato de sabê-la animal noturno, que age ao arrepio da luz, como costumam fazer todos os seus inimigos. Agindo em meio às sombras, como se estivesse em plena claridade, ela busca desfazer o tapete fiado pelos deslumbrantes matizes da luminosidade, que faz a parreira substituir o sucessivo pelo simultâneo e a laranjeira operar a inversão do azedo em sabor agradável. Não é por outra razão que tais árvores serão de novo chamadas ao centro do texto, agora para mostrarem-se objeto de desejo do mal. Verdadeiros prodígios, são o alvo perfeito para as artimanhas das – para dizer com Bocage – «cortesãs da escuridade».

E artimanhas, como bem se pode ver no texto, é o que não lhes falta. Soares de Sousa costuma utilizar imagens de caráter antropomórfico em relação à natureza, como, por exemplo, atribuir à Bahia

¹¹ Soares de Sousa, 1987, p. 269.

¹² É de enorme repercussão no imaginário brasileiro o capítulo de Soares de Sousa sobre as formigas. A idéia de que o *Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil*, que deita ali suas raízes, foi explorada por Lima Barreto, Monteiro Lobato e Mário de Andrade, para ficar com alguns. Depois, de tão explorado acabou tornando-se lugar-comum.

o lugar de coração do Brasil, imagem que ele explora com ardor. Tal procedimento pode ser muito melhor observado aqui. A impressão que se tem, aliás, é a de que se estar a falar de gente e não de bicho, tal a sutileza (*ardil* é a palavra utilizada no texto) e organização empregados nas ações praticadas pelos bichinhos, que parecem divertir-se com o desgosto dos humanos ante o resultado de seu trabalho devastador. Práticas arditas operadas com tanto requinte são mais apropriadas a gente que a bicho. A não ser que se trate de mais um dos muitos e diferentes disfarces do grande inimigo, de quem não se declina o nome, mas que pode ser entrevisto na recorrência à terminologia bíblica empregada para definir o pequeno e terrível monstro, ora taxado de «praga», ora, de «maldição». Como quer que seja, com inteligência semelhante a do homem, esse inimigo noturno labora a serviço da destruição.

Todavia, aos bichos malditos, que trafegam no mundo das sombras quais vampiros dos vegetais, a marcar a presença ameaçadora da escassez, a Bahia tem a opô-los um outro e muito estranho bicho, cuja descrição faz de Soares de Sousa uma espécie de pioneiro do realismo mágico, se assim se pode dizer, dado o caráter fantástico que o texto assume:

Também se criam outros bichos na Bahia mui estranhos, a que os índios chamam buijeja, que são do tamanho de uma lagarta de couve, o qual é muito resplandecente, em tanto que estando de noite em qualquer casa, ou lugar fora dela, parece uma candeia acesa, e quando anda é ainda mais resplandecente, e se o fazem em pedaços, se torna logo a juntar e andar como dantes; e sobre acinte se viu por vezes em diferentes partes cortar-se um destes bichos com uma faca em muitos pedaços, e se tornarem logo a juntar; e depois o embrulharam num papel durante oito dias, e cada dia o espedaçavam em migalhas, e tornava-se logo a juntar e reviver, até que enfadava, e o largavam¹³.

Não há muito, pois, que temer a presença daquela maldição. Contra ela pode-se opor a resplandecência do buijeja, que não só a tudo ilumina, como, tal qual uma fênix à moda baiana, garante *ad aeternum* a presença da luz, uma vez que tem a espantosa capacidade de vencer o maior e mais definitivo de todos os inimigos, a

¹³ Soares de Sousa, 1987, p. 267.

morte, cujo prêmio pelo esforço de destruí-lo é tão somente o tédio, resultante da completa inutilidade de seu trabalho. O buijeja é assim o bicho-símbolo da Bahia, terra iluminada, a desdenhar das ameaças da morte.

Vistas bem as coisas, afinal, aquela maldição – já nem tão maldita assim, prova-o o buijeja – é mesmo uma necessidade:

Como não há ouro sem fezes, nem tudo é a vontade dos homens, ordenou Deus que entre tantas coisas proveitosas para o serviço dele, como fez na Bahia, houvesse algumas imundícias que os enfadassem muito, para que não cuidassem que estavam em outro paraíso terreal¹⁴.

Não se deve, portanto, atribuir a existência desses (melhor chamá-los assim) inconvenientes a uma peculiaridade imanente à própria terra, defeito ou falha na sua constituição. Eles existem menos como uma mácula da terra do que por vontade expressa de Deus, para lembrar ao homem de seu erro original, que o obrigou ao enfado a partir da sua desobediência. É com enfado, isto é, com trabalho árduo, que conviverá com as «imundícias» – formigas, lagartas, aranhas –, maneira escolhida por Deus para fazê-lo saber-se inserido no mundo real, tão somente pálida imagem daquele outro. Sem elas, sem tais «imundícias», estar-se-ia de novo no jardim das delícias – para o qual, Soares de Sousa bem o sabia, já não havia caminho de volta.

Referências Bibliográficas

1. Primária

SOARES DE SOUSA, Gabriel, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, col. Brasiliana, vol. 117, 1851/1987¹⁵ (Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, na Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen).

¹⁴ Soares de Sousa, 1987, p. 265.

¹⁵ A primeira data refere-se àquela da primeira edição; a segunda, à da edição consultada.

2. Secundária

- AFFERGAN, Francis, *Exotisme et alterité*, Paris, PUF, 1987.
- BOSI, Alfredo, *Dialética da colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- BOXER, C. R., *O império marítimo português*, Lisboa, Edições 70, 1992.
- DELUMEAU, Jean, *A civilização do Renascimento*, Lisboa, Estampa, 1984.
- GIUCCI, Guillermo, *Viajantes do maravilhoso*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar – séculos XIII/XVIII*, Lisboa, Difel, 1990.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de, *Visão do paraíso*, São Paulo, Brasiliense. 1992, 5.^a ed.
- LIMA, Francisco Ferreira de, *O Outro livro das maravilhas – a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Rio de Janeiro – Salvador, Relume Dumará – Funceb, 1998.
- MOISÉS, Massaud, *História da literatura brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1985.
- NOVAIS, Adauto (Org.), *A descoberta do homem e do mundo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

